



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da fábrica de software da Eletronic Data Systems (EDS), em parceria com a TAM Linhas Aéreas

Araraquara-SP, 31 de março de 2005

Quero cumprimentar, em primeiro lugar, o povo de Araraquara, da famosa Morada do Sol, cidade das mais extraordinárias do interior do estado de São Paulo,

Quero cumprimentar os nossos deputados – não vou citar o nome porque já foram citados todos, aqui,

Quero cumprimentar os meus ministros,

Quero cumprimentar o nosso representante do governador Alckmin,

Quero cumprimentar o nosso querido prefeito Edinho,

Quero cumprimentar os empresários que estão participando deste empreendimento,

O Neto, eu pedi para o Berzoini cumprimentar,

Meus amigos e minhas amigas,

O avanço nos processos de inovação tecnológica é condição essencial para que o Brasil continue superando os desafios impostos pelo desenvolvimento.

Em razão de seu caráter estratégico – que integra praticamente todos os segmentos da economia –, já em março de 2004 incluímos o setor de software entre as quatro grandes prioridades de nossa Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior, juntamente com a microeletrônica, os bens de capital e os fármacos.



Nesse sentido, estabelecemos a meta de exportar US\$ 2 bilhões de dólares em software e serviços até 2007. Sabemos que se trata de um objetivo ambicioso, mas confiamos em nosso potencial para alcançá-lo. Já demos prova do que somos capazes com o recorde de US\$ 101 bilhões, no mês de março, em exportações, uma conquista do povo brasileiro, dos empresários brasileiros e de toda a sociedade brasileira.

Estamos, assim, implementando uma série de iniciativas com o objetivo de dinamizar o setor, como o Prosoft Empresa, pelo o qual o BNDES oferece financiamento em condições mais favoráveis para capacitação, e o Prosoft Comercialização, que oferece financiamento especial também para o usuário final.

Os resultados da prioridade que definimos para essa área já estão aparecendo. Estimamos que nossas exportações de software, que mal chegavam a US\$ 100 milhões de dólares em 2001, superaram o montante de US\$ 300 milhões de dólares no ano passado.

É, portanto, com grande satisfação que participo da inauguração de uma empresa que vai não só atender crescentes demandas de informática do setor brasileiro de transportes aéreos e outros clientes do mercado nacional, mas também exportar esses serviços, gerando divisas para o país.

A inauguração desta fábrica de software é mais uma prova de que o Brasil está no caminho certo e de que estamos nos tornando cada vez mais competitivos na elaboração de produtos e serviços com alto valor agregado.

É mais uma comprovação de que temos material humano de grande qualidade e excelentes universidades que formam profissionais altamente qualificados para um mercado de trabalho em franca expansão. Temos um mercado promissor, com demandas altamente sofisticadas e muito espaço para novos investimentos, tanto da parte de empresas nacionais como estrangeiras, as quais podem formar proveitosas parcerias, como esta entre a EDS do Brasil e a TAM, com forte empenho do nosso querido companheiro



prefeito de Araraquara, Edinho.

Minhas amigas e meus amigos,

A verdade é que o Brasil é cada vez mais um país produtor e exportador de conhecimento e tecnologia. Nesse mundo de computadores, internet e crescentes interações cibernéticas, nosso país tem sido capaz de realizações que estão impressionando até mesmo os países mais desenvolvidos e avançados.

As urnas eletrônicas, por exemplo, bem como toda a informatização do sistema eleitoral brasileiro, estão sendo admiradas no mundo inteiro. Vocês estão lembrados que na eleição passada, do presidente Bush, levou-se meses para saber quem era o vencedor. Aqui, votam-se 115 milhões de eleitores e, três horas depois, nós já sabemos quem é o eleito, o prefeito, o presidente ou o governo do estado, numa demonstração de que a criatividade do nosso povo é capaz de superar, muitas vezes, a capacidade de investimento e financiamento de outros países mais ricos que o Brasil.

Outro exemplo: nas declarações de Imposto de Renda, a transmissão de informações do contribuinte para a Receita Federal é também inteiramente informatizada.

Um outro caso exemplar é o uso em massa de cartões eletrônicos por aposentados e beneficiários dos programas sociais do governo, como o Bolsa Família, que já beneficia 6 milhões e 500 mil famílias brasileiras que vivem abaixo da linha de pobreza definida pelas Nações Unidas.

É nesse conjunto de realizações que o nosso governo está igualmente trabalhando para viabilizar maior inclusão digital. Estamos estimulando a informatização nas escolas públicas, bem como trabalhando para que o acesso aos mais avançados sistemas de processamento de dados beneficie, de fato, toda a nação brasileira.

Já no ano passado, o programa Governo Eletrônico de Atendimento ao Cidadão, que mantém atualmente cerca de 22 mil computadores conectados



em rede, levou a internet, via satélite, a mais de 5 milhões de pessoas, em 2.500 municípios. Esse programa abrange desde comunidades carentes de zonas urbanas e rurais a comunidades indígenas, quilombolas, pontos remotos de fronteira, municípios beneficiados pelo programa Fome Zero e escolas públicas.

O programa Casa Brasil estará entregando este ano 90 telecentros, que são espaços abertos à população, com computadores, acesso gratuito à internet, correio eletrônico, atendimento bancário e diversos serviços virtuais. Esses telecentros serão instalados em todas as capitais e outros centros urbanos, possibilitando que cerca de 450 mil brasileiros – a grande maioria morando em locais de baixo IDH – tenham acesso à sociedade de informação.

Com o programa Computador Conectado, estamos apoiando o setor privado na fabricação de computadores populares – que de popular não têm nada, porque são iguais aos outros, só serão mais baratos; esse é o popular, porque é mais barato –, que serão vendidos a preços reduzidos e com facilidades de pagamento.

Gostaria também de ressaltar que o governo está estimulando o desenvolvimento e uso de software livre, que além de permitir substancial redução de custos nos programas de inclusão digital, propicia amplas oportunidades para nossas empresas, tanto no mercado interno como no mercado externo.

O projeto de TV Digital, do qual participam 79 instituições de pesquisa, envolvendo cerca de 1.200 pesquisadores e técnicos de todas as regiões do país, conta também com forte participação da indústria brasileira de software e servirá igualmente como importante ferramenta de inclusão social.

Meus amigos e minhas amigas,

Nossa criatividade industrial é uma das chaves para o sucesso no mundo globalizado, pois passamos a ser produtores e não apenas consumidores de produtos e serviços com alto índice tecnológico e valor



agregado.

A inauguração desta fábrica de software é mais uma prova disso. Portanto, eu não poderia deixar de cumprimentar a direção da EDS, da TAM, e todos aqueles que acreditaram neste projeto e que hoje estão podendo participar desta festa inesquecível para a cidade de Araraquara e para as cidades do Brasil. Portanto, eu queria dar os parabéns a todos que tiveram, em um momento da sua vida, a confiança de que era possível fazermos o que estamos fazendo hoje. Meus parabéns, portanto, a essa parceria, que já nasce com sucesso.

Após esta cerimônia - eu vim de São Carlos, onde fomos inaugurar o início da construção do Hospital-Escola, perto da Universidade - vou visitar também as obras que a Petrobras está realizando para a reativação do Centro Coletor de Álcool de Araraquara, um patrimônio público, como disse o Edinho, que estava há mais de 10 anos parado por falta de investimento.

Essa obra é muito importante para melhorar a distribuição do nosso álcool, outro bom exemplo da capacidade tecnológica brasileira, baixando os custos operacionais e tornando o produto mais competitivo.

Há também a demonstração do esforço que este governo tem feito para construir uma nova matriz energética para o Brasil.

Ainda na semana passada, tive a oportunidade de inaugurar uma nova usina de biodiesel, dentro de um programa que vai permitir um grande avanço na produção de combustível, além de significar importante instrumento de distribuição de renda em áreas carentes do país.

O programa do Álcool, ao lado do programa de Biodiesel, vai colocar o Brasil na vanguarda desse processo de renovação da matriz energética, gerando divisas, distribuindo renda e preservando o meio ambiente.

Quero terminar dando os parabéns ao consórcio TAM-EDS, à nossa Petrobras e ao nosso prefeito Edinho, que tanto se empenhou para trazer para a querida Araraquara investimentos tão importantes.



Meus amigos, minhas amigas,

Meu caro Pinheiro Neto, que chorava no começo do ano, ele ia lá representar a Anfavea e dizia: “não vendemos carro, está tudo tão difícil, não conseguimos exportar”. Terminaram o ano produzindo 2 milhões e 200 mil carros, como jamais tinham produzido na vida, contratando 27 mil novos trabalhadores e, só no ABC, 11 mil trabalhadores, exportando 100 mil carros para o México, 20 mil para a Venezuela, 60 mil para a Argentina, não sei quantos para a Colômbia, para o Egito e para o mundo. E vá se preparando porque logo, logo, menos do que vocês esperam, vamos ter que começar a produzir algumas coisas a biodiesel neste país, porque queremos revolucionar a matriz energética do mundo, e deixarmos de ser dependentes apenas do petróleo, que não é renovável e que, portanto, um dia pode acabar.

Eu estou convencido, tenho dito para todo mundo e quero dizer aqui para vocês, de que o século XIX foi o século da Europa, até o começo do século XX. O século XX foi dos Estados Unidos, que se transformaram na grande potência que é hoje. O século XXI tem que ser da América do Sul, nós não podemos perder a oportunidade e jogar este século fora, porque o Brasil já teve muitas oportunidades. Durante 30 anos da nossa história nós crescemos acima de 7% ao ano, mas não basta crescimento se não houver distribuição dessa riqueza produzida, para que todos ganhem um pouco, ou seja, uma nação em que todos têm pelo menos um pouco é uma nação com distribuição de renda. Uma nação onde poucos têm muito e muitos não têm nada é uma nação que pode ser desenvolvida, mas é uma nação com péssimo índice de distribuição de renda, portanto, com pouquíssima justiça social.

A tarefa que nós temos é fazer um jogo combinado. Este país precisa crescer exportando muito e não exportando apenas matéria-prima ou produtos *in-natura*, nós temos que exportar conhecimento, inteligência, criatividade, coisa com que nós temos condições de competir com qualquer outro país do mundo. Sabe, os empresários estrangeiros que estão aqui sabem



perfeitamente bem, e possivelmente algum empresário brasileiro não reconheça com tanta rapidez a capacidade do trabalhador brasileiro. Mas os empresários estrangeiros, que têm empresas em vários países do mundo, qualquer setor, pode fazer pesquisa, e o resultado vai ser que os trabalhadores mais criativos do Planeta são os trabalhadores brasileiros. Isso já foi me dito por dezenas de empresas multinacionais aqui dentro e fora do Brasil, inclusive do setor automobilístico.

Ora, se nós temos esse povo extraordinário, se nós temos um país com todas as condições, com uma boa base intelectual, com uma boa base universitária, com empresários tão bem informados e investidores quanto qualquer outro do mundo, o que está faltando para nós? Está faltando para nós acreditar em nós mesmos, porque no Brasil nós temos uma mania cultural de nos achar pequenos. Nós temos uma mania – isso é histórico –, como nós fomos colonizados durante muitos séculos, nós não perdemos a mania, apesar de termos a nossa independência em 1822, a cabeça colonizada ainda ficou. “Ah, nós somos pequenos, nós somos pobres, nós não temos nada, quem tem muito são os Estados Unidos, quem tem muito é a Alemanha, é a França, é o Japão”. Ora, será que nós já paramos para pensar o que nós podemos oferecer ao mundo? Será que nós paramos? Veja, um país que consegue produzir uma árvore para fazer celulose em seis anos, disputar com países que demoram 50 anos para cortar a mesma árvore. Um país que tem a quantidade de água que nós temos e ainda está guardadinho o Aquífero Guarani, para a gente utilizar apenas em momentos excepcionais; um país que tem uma juventude sequiosa de ter oportunidade na vida para trabalhar; um país que tem sol quase que 365 dias por ano; um país que tem terras férteis em todos os seus 8 milhões e meio de quilômetros, se esse país acreditar nele, é como disse um prefeito nosso, do interior de São Paulo: nós temos que sonhar grande, nós temos que pensar grande, porque o país será do tamanho da capacidade de sonhar do seu povo. Se a gente pensar pequeno, ficar com



inveja, olhando os outros, nós não vamos a lugar nenhum. Nós temos que pensar grande.

Aqui tem companheiros de 30 anos, da Villares. A Villares, uma vez, sonhou em ter uma grande fábrica de locomotivas aqui em Araraquara. Fechou a divisão de equipamentos em que eu trabalhava em São Bernardo do Campo e veio montar uma colossal fábrica aqui. Naquela época se imaginava que o Brasil ia voltar a construir ferrovias. Não só não construiu como destruiu as que tinha.

Se Deus quiser, e se esta fábrica estiver preparada, ela vai voltar a produzir locomotivas neste país, porque a infra-estrutura é a base, é a cara principal que a gente tem para fazer os nossos produtos serem mais competitivos. E vocês sabem, aqui ninguém precisa esconder nada de ninguém, vocês sabem como é que nós herdamos as estradas brasileiras.

Eu não quero procurar culpado, mas vocês sabem como nós encontramos os portos brasileiros. Até parecia que as pessoas não acreditavam que o Brasil fosse capaz de exportar e crescer internamente. E nós vamos recuperar os 11 principais portos deste país, modernizá-los. Já mandamos para o Congresso uma lei para que a gente possa isentar de impostos tudo aquilo que puder ser isentado, como máquinas compradas de fora, que nós não produzimos aqui dentro para modernizar os portos brasileiros, para fazer as dragagens que precisam ser feitas, para criar as condições de funcionar, para a gente não ficar dizendo: “não, porque Amsterdã é bom, porque não sei onde é bom”. Ora, vamos fazer o nosso bom.

As ferrovias, vocês sabem o tanto de anos que estão brigando para que a Brasil Ferrovias resolva o problema do transporte neste país. Ali, na Serra de Santos, tem um gargalo entre duas ou três ferrovias que não funciona, espera-se 36 horas para trocar de vagão, é uma calamidade.

E tem contratos. É uma coisa difícil, porque tem agência que cuida disso, cada uma tem o seu contrato, foi privatizado um pouco a olho. Mas, sob



a coordenação do companheiro José Dirceu, se Deus quiser, no dia 20 ou, quem sabe, um pouco mais, nós estaremos no Porto de Santos anunciando um plano para colocar a Brasil Ferrovias funcionando corretamente e atendendo ao escoamento de produção deste país.

Eu digo sempre que o biodiesel será para o Brasil o que o álcool foi para o Brasil. Aqui tem plantadores de cana, aqui deve ter, e vocês sabem que o álcool era uma coisa que foi feita por necessidade, porque o açúcar chegou, no começo da década de 70, a 1.200 dólares a tonelada; então, todo mundo plantou cana aqui no Brasil. Depois, caiu para 260, e o que fazer com a cana? Tiveram a idéia de fazer o álcool. Na época, eu era crítico. Eu me lembro que estava começando a minha militância política e eu era crítico, eu e muitos que estão aqui éramos críticos.

O dado concreto é que o programa do Pró-Álcool foi a primeira experiência em que uma nação pôde mostrar ao mundo que era possível ter uma fonte energética renovável, geradora de empregos, que não tinha nenhum perigo de acabar enquanto existir o planeta Terra.

Mas, mesmo assim, por erros de comportamento político neste país, havia gente com vergonha de usineiro. Diziam: “porque os usineiros praticaram corrupção, porque houve corrupção não sei das quantas”, era um monte de coisas. Então, governante não conversava com usineiro; se conversava, conversava na calada da noite. Quem é usineiro sabe que eu estou falando a verdade. Não se conversava, era um “bicho feio”.

Nós assumimos, antes da campanha, quem é do setor sabe, a responsabilidade de transformar o álcool numa verdadeira matriz, numa nova fonte energética que funcionasse. Chamamos os empresários, muitos foram a Brasília e fizemos um acordo: na hora em que a gente anunciar que vai transformar isso numa fonte energética verdadeira e que a indústria automobilística vai voltar produzir álcool, nós não queremos brincadeira, porque combustível não é brincadeira. Quando nós oferecermos um carro a



álcool, no posto de gasolina tem que ter álcool, portanto, os produtores têm que produzir, porque se não for sério, ninguém topa fazer o jogo. Os usineiros toparam.

A indústria automobilística que, na década de 90 tinha produzido 90% dos seus carros a álcool e no final da década de 90 não produzia mais nenhum voltou, agora, a produzir a álcool, voltou a fazer “triflex”, “quatriflex”, ou seja, tem tanto “flex” agora, tem carro à álcool, o mesmo carro à álcool, à gasolina, à gás. E isso é um diferencial para o mundo. E ele sabe que eu vou para o Japão, agora, e uma das metas é convencer os japoneses da importância de, no cumprimento do Protocolo de Kioto, levar em conta o álcool brasileiro. Ah, mas tem desconfiança de que os empresários brasileiros não vão garantir... Venham investir aqui dentro, venham fazer parceria com os nossos usineiros, e produzir álcool aqui dentro.

Estou dizendo isso porque acho que o biodiesel vai ser o grande Programa deste país para os próximos 10 anos. Eu, que estou com 59 anos – depois dos 50 nós vamos contrabalançando na vida - mas temos muitos jovens aqui, vocês vão ouvir falar no biodiesel.

O biodiesel é uma alternativa energética tão ou mais revolucionária para o mundo contemporâneo do que foi o álcool. E é uma fonte energética que não permite guerra, e o petróleo permite: de vez em quando um país invade o outro por causa do petróleo. Nós não queremos invasão, queremos que venham plantar conosco. “Pega um dinheirinho, põe aqui, vamos coordenar direitinho”, e vamos plantar para que a gente transforme este país em uma nação que respeite a si mesma. O problema do Brasil não são os outros, somos nós mesmos.

Lembro-me da primeira vez que fui a Davos, em 25 de janeiro de 2003, em um encontro de presidentes da América Latina, cada presidente que falava, começava: “ah, porque tem criança de rua, tem muita pobreza”... Ora, alguém quer saber? Isso é problema teu, resolve. Você acha que um presidente pode



sair lá fora para ficar chorando o que não tem? Ele tem que vender o que tem, ele tem que fazer propaganda das coisas boas. É verdade que temos crianças nas ruas, desemprego, muitos jovens caídos na criminalidade, tudo isso é verdade. Mas é verdade também que este país não é um país que exporta soja ou minério de ferro; este país exporta avião, conhecimento, portanto, este país só vai resolver os problemas das crianças de rua, abandonadas, quando acreditar que pode fazer mais, quando acreditar que podemos disputar em igualdade de condições.

Vocês estão lembrados do que era o Brasil há 10 anos com a América do Sul? Vocês estão lembrados. Nós só olhávamos para a Europa, para os Estados Unidos. De repente, em dois anos, nós tínhamos uma coisa chamada Comunidade Sul-Americana de Nações. Logo, logo todos estarão participando do Mercosul. Estamos ajudando a financiar estradas que ligam o Brasil a cada país que faz fronteira com ele, para que as pessoas possam transitar, mas também os nossos produtos. E aí, sim, vamos criar esta nação mais respeitada do que em qualquer momento da sua história. E um evento vai acontecer nos dias 10 e 11 de maio. Pela primeira vez - eu não sei se fora da ONU já aconteceu um evento desses - vamos juntar, em dois dias, todos os presidentes da América do Sul e todos os presidentes, xeiques, reis, príncipes do mundo árabe em um encontro de dois continentes para podermos discutir negócios, parcerias, mostrar para eles o que nós somos.

E eu estou convencido... Eu levanto todos os dias - eu não penso muito grande porque senão não saio na porta - mas eu levanto todo santo dia acreditando que não tem como este país retroceder.

Lembro que, há dois, três anos atrás, o grande debate no Brasil era aumentar a poupança interna. “Vamos aumentar a poupança interna.” Eu, como fui candidato muitas vezes, e perdi três vezes... “Não, porque precisa aumentar a poupança interna, porque...” , e cada um tinha uma engenharia de como aumentar a poupança interna. Quando nós ganhamos, ela estava a 17,



18%. Sabe quanto está a poupança interna hoje? Vinte e três por cento. Quem sabe no ano que vem, estará 25%? E quem sabe, daqui a pouco, estará 27, que é a maior poupança interna da história deste país.

Muita gente dizia: “o país não vai crescer, isso não vai crescer...” E cresceu 5,2%. Quebrou a cara de muita gente. Porque tem gente que acorda azedo, pensando negativo. O cara vê o sol brilhando e sai com guarda-chuva, porque acha que vai chover. Como eu nasci corintiano, eu sou um homem de fé, eu acredito. Passamos 23 anos perdendo do time do Aloizio Mercadante. Por 15 anos tomamos surra do Palmeiras, do São Paulo, mas todos sabem que não há derrota que abale um corintiano. Vamos procurar a vitória no dia seguinte. Eu acredito piamente que, se não formos uma nação com a auto-estima elevada, acreditando nas coisas que fazemos... Ricardo Berzoini ficou um ano no Ministério da Previdência, e agora está no Ministério do Trabalho. “Ah, o Brasil não está crescendo, não está crescendo...” Em dois anos criamos mais empregos do que nos últimos 10 anos. Desde que foi criado o Caged, nunca se criou a quantidade de empregos que se está criando agora, e com carteira profissional assinada. Lógico que gostaríamos de criar mais, mas a gente não tem o poder de criar. Nós temos o poder de incentivar que as coisas aconteçam. Por isso é que eu acredito nesse programa do Biodiesel, porque ele vai gerar empregos na parte mais pobre do país, ele pode ser feito da mamona, do pinhão manso – pinhão manso é uma coisa quase igual à mamona, eu aprendi esses dias; da semente de abóbora, da semente de melancia, de soja, de girassol, de dendê, ou seja, nenhum país do mundo tem as alternativas que nós temos.

E os plantadores de soja vão ficar todos felizes, porque quando o preço da soja cair no mercado internacional, ele fala: “então, nós não vamos vender soja, vamos produzir biodiesel”. Aí o preço melhora um pouquinho.

Então, é preciso crer. Quando eu tomei posse, o preço do café estava a 34 dólares a saca. O governo acreditou e bancou. Compramos uma parte por



95 dólares, o governo bancou. Hoje, quanto é que está? Cento e dezessete dólares a saca. Imaginem se a gente não tivesse fé e falasse: “vamos queimar os cafezais, porque está desgraçado”. Então, temos que acordar pensando que é possível a gente mudar a natureza das coisas, pensar positivamente, acreditar que é possível.

Eu vou contar uma história: a coisa que me deixava mais entusiasmado era a crença do comandante Rolim. Quando eu chegava no Aeroporto de Congonhas porque ia pegar um avião, e lá estava o Rolim na ponta da escada: “Boa viagem! Como vai, deputado? Tudo bem, deputado? Boa viagem, deputado!” Eu falava: “esse empresário já está rico, que diabo ele está fazendo aqui às seis horas da manhã?”. Ele estava lá porque queria mostrar para os outros que a TAM era a melhor, era dele, ele tinha que mostrar. Não era o adversário que ia fazer isso. E é assim que a gente tem que acordar e deitar a cada dia. A gente não pode levar as adversidades para o travesseiro, tampouco acordar com elas. Quando vocês acordarem azedos, suem um pouco para tirar o azedume e trabalhareis mais alegres, mais felizes, cumprimentando as pessoas, acreditando que podem fazer as coisas, porque senão a gente não vai ser o que quer ser, se a gente permitir que a tese dos outros prevaleça na nossa consciência.

Muito obrigado, meus parabéns e até outro dia, se Deus quiser.